

## **TRABALHO INFORMAL E HETEROGENEIDADE NA RMBH E MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS: APROFUNDAMENTO OU ALTERNATIVA EM RELAÇÃO À POBREZA?<sup>1</sup>**

Maria da Luz A. Ferreira<sup>2</sup>

O texto tem como objetivos analisar quais são as motivações que leva os trabalhadores a ingressarem e permanecerem exercendo atividades informais. A estratégia metodológica utilizadas foi a análise dos dados da pesquisa “Desigualdades Sociais, Qualidade de Vida e Participação Política, pesquisa por amostragem probabilística da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do Município de Montes Claros, em comparação internacional, e dos dados de seis grupos focais realizados em Montes Claros, sobre a temática do trabalho informal. Foram analisadas variáveis como: sexo, escolaridade, estado civil e renda. Os resultados apontam que o setor informal comporta uma heterogeneidade, já que é composto tanto por trabalhadores que estão nele inseridos, tanto por sobrevivência, quanto por alternativa de vida, podendo ao mesmo tempo contribuir para o aprofundamento da pobreza como também ser uma alternativa de trabalho em relação a mesma.

### **INTRODUÇÃO**

Tem sido recorrente nas análises dentro da Sociologia do Trabalho o aumento do setor informal (Rivero, 2000; Cacciamali, 1999; Vasconcellos, 1994; Pamplona, 2001). Além das discussões dentro da literatura, pode-se observar no cotidiano das cidades um grande número de pessoas exercendo atividades informais. Este texto tem como objetivos analisar quais foram as motivações que leva um grupo de pessoas a ingressarem em atividades informais. Objetiva ainda investigar se o trabalho informal tem contribuído para o aprofundamento da pobreza, ou se tem se – devido a grande heterogeneidade que marca o setor – tornado uma alternativa para amenizar a mesma.

A metodologia utilizada compõe-se da combinação da metodologia quantitativa e da metodologia qualitativa. Assim foram utilizados dados dos surveys realizados na Região Metropolitana de Belo Horizonte e do Município de Montes Claros em 2005, e de grupos focais realizados em Montes Claros, em 2007 sobre a temática supracitada.

---

1 Este texto ampara no IV capítulo da minha tese “Trabalho Informal e Cidadania: heterogeneidade social e relações de gênero” defendida no doutorado em Ciências Humanas (Sociologia e Política) da UFMG em 2007.

2 Professora de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES e Faculdades Santo Agostinho.

Na realização da pesquisa quantitativa<sup>3</sup> foi utilizada para a seleção dos entrevistados a amostragem probabilística por conglomerado, cuja amostra foi composta de 1520 indivíduos, sendo 1122 RMBH e 398 no Município de Montes Claros.

Na parte qualitativa, foram utilizados depoimentos de 06 grupos focais<sup>4</sup> realizados com homens e mulheres com idades até 30 anos e acima de 50 anos, cujo objetivo foi captar como estes colaboradores avaliam as suas atividades no setor informal.

## **O SETOR INFORMAL: ENFOQUES NA LITERATURA BRASILEIRA**

As primeiras tentativas de conceituação do setor informal iniciaram-se no final dos anos 60 e início dos anos 70<sup>5</sup>. A partir desse momento, foi inaugurada uma terminologia que situava a informalidade como parte da estrutura econômica, ou seja, pertencente à estrutura produtiva onde se localizariam as atividades de pequeno porte, contrária às atividades formais, que são compostas de empresas de grande porte (Pamplona, 2001).

Destacam-se na literatura brasileira duas vertentes analíticas: por um lado, os autores que defendem a perspectiva econômica que partem do pressuposto de que o aumento do setor informal é um fenômeno estrutural do modo de produção capitalista. Associam-no à concepção marxista e identificam os integrantes do setor informal como aqueles pertencentes ao exército industrial de reserva, que, apesar de estarem em idade e condição ativa, encontram-se disponíveis no mercado para serem explorados pelo capital. Neste contexto, os trabalhadores informais, perante a dificuldade de conseguirem emprego no setor formal,

seriam obrigados - para sobreviver - a sujeitar-se a qualquer tipo de atividade. (Cacciamalli, 1999; Fuentes, 1998; Malaguti, 2000). Por outro lado, a abordagem de cunho social, que considera as formas de organização informal da produção uma escolha consciente para a maior parte dos componentes deste tipo de atividade. Dentre os autores que privilegiam esta vertente, destacam-se Vasconcellos (1994), Vidal (1996), Martins & Dombrowski (1996), Siqueira (1997), Reinecke (1999), Nunes (1999) e Rivero (2000).

Geralmente esses autores consideram que os trabalhadores, ao optarem pela informalidade, o fazem de forma racional, calculando algumas vantagens como possibilidade de auferir ganhos maiores do que recebiam no mercado formal, flexibilidade da jornada, acesso contínuo a parcela dos rendimentos, inexistência de chefia e possibilidade de ascensão social. O ingresso no setor informal costuma acontecer, na maioria das vezes, depois de saída voluntária do mercado formal.

## **TRABALHO INFORMAL E HETEROGENEIDADE NA RMBH E MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS: APROFUNDAMENTO OU ALTERNATIVA EM RELAÇÃO À POBREZA?**

3 No tratamento dos dados quantitativos obtivemos a colaboração dos professores José Jorge Santana do departamento de ciências exatas e Sheyla Borges do departamento de Ciências Sociais os quais agradecemos.

4 Para Morgan (1997), o grupo focal é uma derivação da dinâmica de grupo, ou seja, aproveitamento metodológico do grupo, cujo objetivo de realização é trazer à tona os processos que os grupos vivem a partir de sua própria dinâmica do grupo, de modo a revelar toda a problemática da interação social. Quanto à utilização o autor esclarece que o grupo focal tem sido utilizado: 1) Como principal fonte de dados; 2) Como fonte suplementar de dados, quando combinado com survey. Pode também ser utilizado como pré-teste de um questionário; 3) Como uma combinação de métodos sem hierarquia. Em relação à composição, os grupos focais podem ser: 1) Homogêneos: as pessoas são semelhantes e têm uma relação semelhante com o tópico que está sendo discutido. Grupos compostos do mesmo modo. 2) Segmentados: sexo, raça idade etc. 3) Mistos: é preciso ter cuidado porque dependendo do assunto, as pessoas não se misturam, ex: classe.

5 Neste período, técnicos da Organização Internacional do Trabalho realizaram duas pesquisas sobre a temática da informalidade: uma na África, sobre o Quênia, e outra na República Dominicana. Quem primeiro utilizou o conceito foi Keith Hart, em 1971, a partir dos resultados da pesquisa realizada no Quênia. Além destes, destacam-se também estudos realizados pelo Programa Regional Del Empleo para a América Latina Y el Caribe – PREALC.

### 3.1 Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais

Na análise por sexo, o Gráfico 1 mostra que, do total de trabalhadores informais do Município de Montes Claros, 46,2% são mulheres e 53,8% são homens. Na RMBH, 45,8% são do sexo feminino e 54,2% são do sexo masculino. Apesar da semelhança dos percentuais, quando comparados ao conjunto da população, observam-se diferenças, já que, em Belo Horizonte, 53% da população é constituída de mulheres e 47% de homens.

Em Montes Claros, 52% são do sexo feminino e 48% são do sexo masculino<sup>6</sup>.

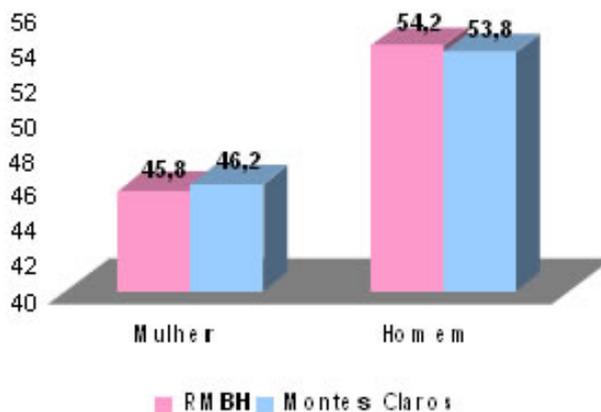


GRÁFICO 1 – Sexo dos trabalhadores informais (%) Fonte: RMBHH e Município de Montes Claros – 2005

Com relação à faixa etária, observa-se pela Tabela 1 que a maior parcela dos trabalhadores informais concentra-se na faixa entre 31 e 49 anos, tanto na RMBH quanto no Município de Montes Claros, encontrando-se percentuais de 47,7% e 43,5%, respectivamente. Já a faixa de 18 a 30 anos representa 30% e 37,7% dos pesquisados nas referidas cidades, respectivamente. Na faixa de idade de 50 anos ou mais, encontramos 22,3% dos pesquisados na RMBH e 18,8% no Município de Montes Claros. Os dados revelam, portanto, que não há grande discrepância na composição etária dos trabalhadores informais nas duas cidades. Embora exista uma variação nos percentuais, a variável apresenta o mesmo comportamento no que diz respeito à distribuição dos trabalhadores em cada uma das categorias estabelecidas por faixa de idade<sup>7</sup>.

Tabela 1 - Idade dos trabalhadores informais

Idade	RMBH		Montes Claros	
	Freq	%	Freq	%
18 a 30 anos	115	30	55	37,7
31 a 49 anos	183	47,7	63	43,5
50 anos ou mais	86	22,3	27	18,8
Total	384	100	145	100

Fonte: RMBH e Município de Montes Claros – 2005

6 Dados disponíveis em Sistemas de Indicadores Urbanos, 2000. [www.sistemadeindicadoresurbano.br](http://www.sistemadeindicadoresurbano.br). Data do acesso 10 de agosto/2007.

7 A pesquisa se endereçou à população de 18 anos e mais.

O levantamento do perfil dos trabalhadores informais levou em consideração o fato de terem ou não filhos. A grande maioria dos entrevistados, tanto da Região Metropolitana de Belo Horizonte quanto do Município de Montes Claros, tem filhos. As porcentagens são de 70,7% e 73,5%, respectivamente, que têm filhos, e 29,3% e 26,5% que não têm filhos, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2 – Trabalhadores informais quanto à caracterização familiar (com ou sem filhos).

Possuí	RMBH		Montes Claros	
	Freq	%	Freq	%
S i m	271	70,7	107	73,5
N ã o	112	29,3	38	26,5
Total	384	100	145	100

Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros - 2005

Quanto ao número de filhos, os dados do Gráfico 2 mostram que a maior porcentagem se verifica nos que têm de três a cinco (25,5% dos trabalhadores da RMBH e 47% dos de Montes Claros). Dos que declararam ter mais de cinco filhos, a porcentagem é relativamente baixa (3,5% na RMBH e 7% em Montes Claros).

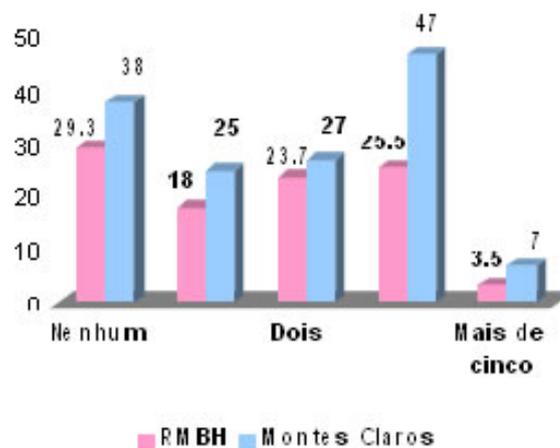


GRÁFICO 2 – Quantidade de filhos dos trabalhadores informais (%)  
Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros - 2005

GRÁFICO 2 – Quantidade de filhos dos trabalhadores informais (%) - Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros - 2005

Direcionando nossa análise para o estado civil dos trabalhadores informais, verificamos, pelos dados da Tabela 3, que a maioria, tanto na Região Metropolitana de Belo Horizonte, quanto em Montes Claros (MOC), é de trabalhadores casados (45,3% e 48,7%, respectivamente). Na RMBH, 29% declararam ser solteiros e, em Montes Claros, 28,4%. As pessoas que vivem em união estável são 14,6% na RMBH e 13,5% em Montes Claros. A tabela mostra ainda que 7% (RMBH) e 6% (MOC) são divorciados e há uma pequena parcela de viúvos (4,2% e 3,5%, respectivamente).

**Tabela 3 – Estado civil dos trabalhadores informais**

Estado Civil	RMBH		Montes Claros	
	Freq	%	Freq	%
Solteiro (a)	111	29	41	28,4
Casado (a)	174	45,3	71	48,7
União estável	56	14,6	20	13,5
Divorciado (a)	27	7	9	6
Viúvo (a)	16	4,2	5	3,5
Total	384	100	145	100

Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros - 2005

Embora a maternidade ou paternidade não esteja necessariamente relacionada ao casamento e/ou ao fato de se morar junto (em união estável), a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, é responsável por 70,7% das ocorrências de filhos na RMBH e 73,5% em MOC.

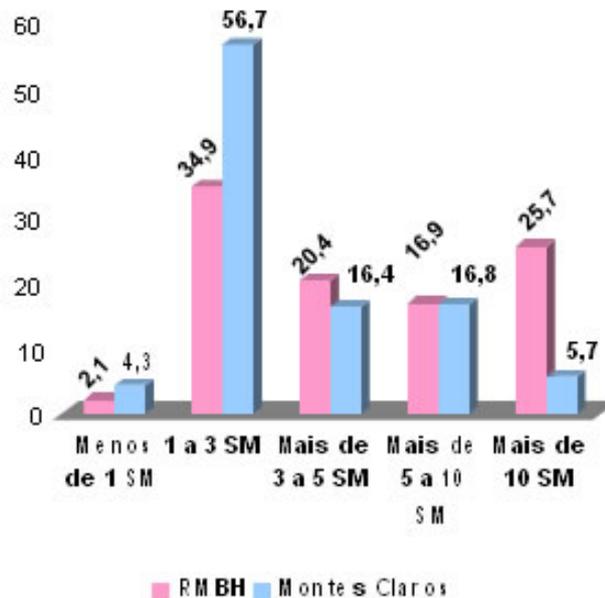


GRÁFICO 3 – Renda mensal dos trabalhadores informais em salários mínimos (%)

Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros - 2005

Considerando a variável renda mensal dos trabalhadores informais, o Gráfico 3 mostra que a maior parcela desses trabalhadores se encontra nas faixas entre um e três salários mínimos (34,9% dos entrevistados da RMBH e 56,7% dos de Montes Claros). O gráfico aponta ainda que 20,4% e 16,4%, respectivamente na RMBH e em MOC, recebem o equivalente a mais de três e menos de cinco salários mínimos, e 16,9% e 16,8% recebem mais de cinco até 10 salários mínimos. Considera-se, então, que não existe uma grande diferença ao compararmos os trabalhadores da RMBH e de MOC, nas faixas entre três e cinco e mais de cinco até 10 salários mínimos. Entretanto, quando comparamos o percentual de trabalhadores que recebem acima do valor de 10 salários mínimos, percebe-se que este segmento está mais presente na RMBH (25,7% dos trabalhadores informais) do que em Montes Claros, onde apenas 5,7% estão nessa faixa de rendimentos. Vale ressaltar que, no universo investigado, há também os trabalhadores com renda mensal muito baixa, equivalente a menos de um salário mínimo, mas estes são minoria, representando 2,1% e 4,3% na RMBH e em Montes Claros, respectivamente. Isso corrobora

a discussão feita na seção anterior, de que o setor informal é heterogêneo, ou seja, comporta tanto pessoas movidas pela estratégia de sobrevivência, quanto aquelas movidas pela alternativa de vida.

A consideração da escolaridade dos entrevistados torna-se necessária para uma melhor compreensão da realidade de suas vidas. À medida que se tem uma escolaridade maior, há teoricamente mais chances na vida, em geral, e no mercado de trabalho em particular. O Gráfico 4 mostra que, na RMBH, os trabalhadores informais têm uma escolaridade variada, com maior concentração no ensino fundamental incompleto (35,6%). Os que completaram o ensino fundamental perfazem o percentual de 8,8%, e a faixa de escolaridade de ensino médio compreende 23,2% que completaram esse nível de ensino e 5,3% que não o completaram (largaram os estudos ou ainda estão cursando o nível médio). O índice de pessoas com ensino superior é de 25,5%, e os trabalhadores sem escolaridade são 1,5% do total dos entrevistados.

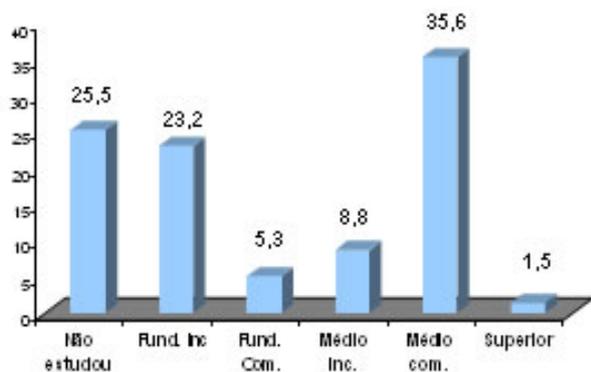


GRÁFICO 4 – Grau de escolaridade dos trabalhadores informais da RMBH (%)

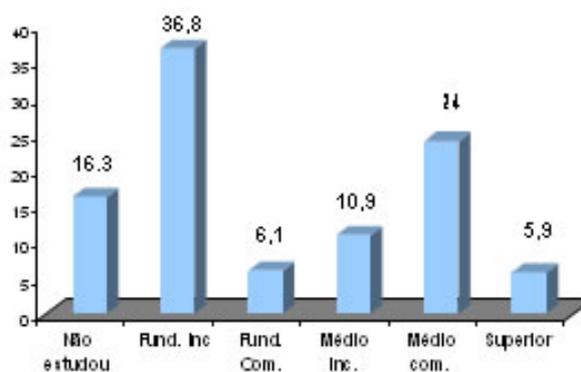


GRÁFICO 5– Grau de escolaridade dos trabalhadores informais de Montes Claros (%)

Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros – 2005

Em Montes Claros, pelos dados do Gráfico 5, percebe-se que a maior parcela das pessoas que exercem atividades informais está concentrada nível de escolaridade do ensino médio completo (36,8%), seguida pelos que declaram ter o nível fundamental incompleto (24%) e pelos que têm ensino superior ou mais (16,3%). O gráfico atesta que 10,9% dos trabalhadores concluíram o ensino fundamental, 6,6% não completaram o ensino médio e 5,9% não estudaram.

### 3.2 O trabalho informal na RMBH e em Montes Claros: estratégia de sobrevivência ou alternativa de vida?

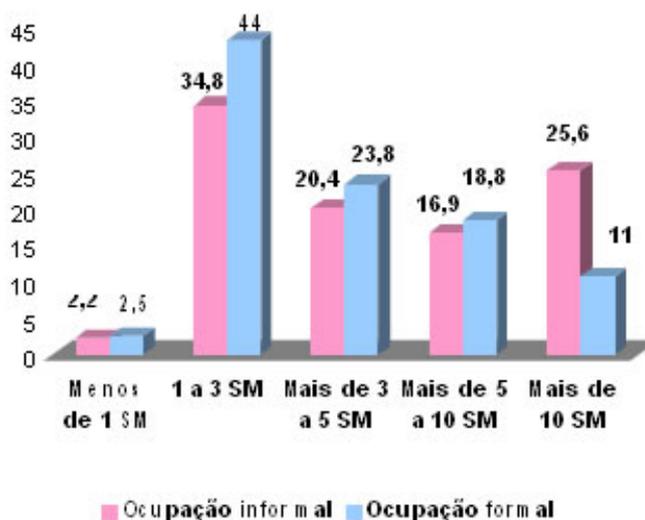
Pressupondo-se que na Região Metropolitana de Belo Horizonte e em Montes Claros, como em quase todos os centros urbanos do país, a informalidade é caracterizada pela heterogeneidade, ou seja, o “determinismo” econômico dos trabalhadores que se encontram na

classificação “estratégia de sobrevivência”, a abordagem social será relacionada aos trabalhadores componentes da categoria “alternativa de vida”, ou seja, aquelas pessoas que, mesmo tendo oportunidade de estar no setor formal, preferiram a informalidade, ou que levam em conta outros fatores, não só a sobrevivência, para ingressarem e permanecerem nesse setor. Contudo, faz-se conveniente lembrar que, por ser o setor tão heterogêneo, na maioria das vezes, do ponto de vista empírico, fica difícil traçar uma linha diferenciadora entre a estratégia de sobrevivência e a alternativa de vida.

### 3.2.1 O que dizem os dados dos *surveys* da RMBH e de Montes Claros

A estratégia analítica adotada pretende verificar os motivos que levam as pessoas a exercerem atividades informais e estabelecer algumas comparações entre trabalhadores do setor formal e trabalhadores do setor informal. Assim, escolhemos duas variáveis que possibilitam a comparação entre os referidos setores.

A primeira variável empregada para comparação é a renda média mensal, segundo a forma de trabalho. Os dados do Gráfico 6 mostram que trabalhadores do setor formal têm, em média, rendimentos superiores aos dos trabalhadores informais. Do total dos entrevistados, 44% da ocupação formal e 34,8% da ocupação informal declararam receber renda correspondente a mais de um e menos de três salários mínimos. Na faixa correspondente a mais de três até cinco salários mínimos, encontramos 23,8% das pessoas que exercem atividades formalizadas e 20,4% das que exercem atividades informais. Entre aqueles que recebem o equivalente a mais de cinco até 10 salários mínimos, encontramos 18,8% dos trabalhadores formais e 16,9% dos informais. A exceção fica por conta da faixa equivalente a mais de 10 salários mínimos, onde o gráfico supracitado aponta que 25% dos trabalhadores informais e 11% dos formais estão inseridos nessa faixa salarial.



las no  
mento  
mente  
ugere  
  
pados  
cas de  
Entre  
elação  
rística

GRÁFICO 6 – Renda média mensal em salários mínimos segundo forma de ocupação em Belo Horizonte (%) - Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros - 2005

Analisando a renda média mensal, por ocupação, no Município de Montes Claros, observamos pelo Gráfico 7 que, dos que recebem rendimentos entre um e três salários mínimos, 56,5% estão ocupados informalmente e 64,6% estão no mercado formal. Também entre aqueles que têm rendimentos equivalentes a mais de três até cinco salários mínimos, a porcentagem de trabalhadores formais é maior

(20% no mercado formal e 16,3% no mercado informal). Entretanto, os dados apontam um aspecto interessante nas faixas de mais de cinco até 10 salários mínimos e mais de 10 salários mínimos: nessas faixas, a tendência é aumentar a porcentagem de pessoas que exercem atividades informais, pois 17,1% dos trabalhadores informais e 10,8% formais declararam receber o equivalente a mais de cinco até 10 salários mínimos e 5,7% dos informais e 1,4% dos formais têm rendimentos superiores a 10 salários mínimos, a exemplo do que ocorre em Belo Horizonte.

Entretanto, não se pode deixar de considerar que, ao exercer atividades informais, os seus componentes têm apenas aquele rendimento, perdendo alguns benefícios que são garantidos no mercado formal, como férias, 13º salário, vale-transporte, etc.

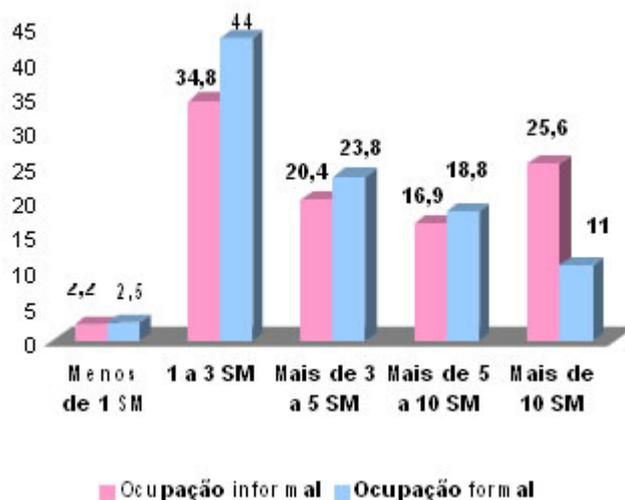


GRÁFICO 7 – Renda média mensal em salários mínimos dos trabalhadores segundo forma de ocupação em Montes Claros (%) - Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros - 2005

Os dados dos Gráficos 6 e 7 possibilitam duas hipóteses: 1) provavelmente os trabalhadores informais que têm renda média acima de cinco salários mínimos são pequenos empresários e exercem atividades formais e informais; 2) a maior parcela dos trabalhadores está concentrada na faixa de rendimentos entre um e três salários mínimos, evidenciando que, qualquer que seja a cidade, uma grande parcela de pessoas está percebendo rendimentos muito baixos.

Tabela 4 – Jornada de trabalho semanal segundo a forma de trabalho

Cidade	Tipo de ocupação	Jornada de trabalho semanal							
		Até 20 horas		Mais de 20 a 40 horas		Mais de 40 horas		Total	
		F	%	F	%	F	%	F	%
RMBH	Informal	50	15,5	149	40,8	164	43,7	363	100
	Formal	11	3,8	97	30,9	205	65,3	313	100
Montes Claros	Informal	18	13,3	49	36,3	68	50,4	135	100
	Formal	2	2,7	17	23	55	74,3	74	100

Fonte: Pesquisa da RMBH e Município de Montes Claros – 2005

A segunda variável refere-se às horas semanais de trabalho. Observa-se, na Tabela 4, que a

parcela de trabalhadores informais apresenta-se maior que os trabalhadores formais, na jornada de trabalho de até 20 horas: 3,8% no mercado formal e 15,5% no informal, na RMBH, e 2,7% (formal) e 13,3% (informal) em Montes Claros. Essa tendência também foi verificada entre os que têm uma jornada de mais de 20 a 40 horas, em que o percentual de trabalhadores informais é maior do que o de formais, tanto em Belo Horizonte (40,8% e 30,9%), quanto em Montes Claros (36,3% e 23%).

Entretanto, quando a jornada de trabalho aumenta, tende a aumentar a proporção de pessoas que exercem atividades formais em relação àquelas que exercem atividades informais (43,7% e 65,3% para os trabalhadores da RMBH e 50,4% e 74,3%, respectivamente, para Montes Claros).

*Uma possível explicação para o fato de os trabalhadores formais serem maioria na faixa de jornada de mais de 40 horas semanais pode ser encontrada na Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), que regulamenta a jornada de trabalho formal em 44 horas semanais.*

Embora concordemos com os pesquisadores de que nesta área não é possível traçar, do ponto de vista empírico, uma linha diferenciadora entre a estratégia de sobrevivência e a alternativa de vida, ficou comprovado empiricamente que não há muita diferença nos padrões de consumo das pessoas que estão na informalidade em relação àquelas que estão na formalidade. Talvez a diferenciação que favoreça os componentes do mercado formal seja o fato de este assegurar uma série de direitos (aposentadoria por tempo de serviço, férias, décimo terceiro salário, entre outros), que não são garantidos aos trabalhadores do setor informal.

### 3.3 Vantagens e desvantagens do trabalho informal: a visão dos sujeitos

**Quando questionada sobre os motivos que a levaram a escolher um trabalho sem carteira assinada, em vez de trabalhar no mercado formal, obtivemos a seguinte resposta de uma colaboradora:**

*A vantagem de trabalhar informalmente é que você pode fazer seu horário. De manhã toma conta da casa e a tarde sai pra vender. O horário quem faz é você. E, dependendo também de quando você começa a trabalhar, as pessoas começam a te conhecer e vão até a sua casa. Então, tem essa vantagem, às vezes você atende suas clientes em sua casa. O horário quem faz é você, se você quiser ganhar mais, você vai trabalhar mais; se achar que esse mês está fraco pode descansar mais. Não é como no trabalho formal, porque a pessoa, querendo ou não, tem que ir. (Colaboradora 29 - casada, 25 anos – ensino fundamental completo).*

**A flexibilidade do horário é considerada como uma vantagem pela Colaboradora 29, tanto em relação à organização do processo de trabalho em si, mas, fundamentalmente, devido à possibilidade de conciliar as atividades informais (vendedora) com as suas responsabilidades com a casa. Nesse contexto, por não ter que cumprir um horário rígido, ela considerou essa flexibilidade como uma vantagem, pela condição de “decidir” o horário em que vai trabalhar na casa ou na rua.**

*No meu caso mesmo, você tem possibilidade de ter melhores salários, você tem possibilidade de fazer sua jornada de trabalho, escolher qual horário você quer trabalhar, tem a questão da especialização, você se preocupa mais em se especializar, se preocupa mais em estudar, e eu acho que quando você está no mercado de trabalho formal você é pago pra fazer determinado serviço, muitas vezes você não tem a oportunidade de estar exercendo outras funções. No mercado informal não, você tem que se desdobrar, fazer de tudo um*

*pouco, isso eu vejo como positivo. (Colaborador 24 – solteiro, 29 anos – ensino superior completo).*

Este aspecto foi considerado por quase todos os componentes dos grupos focais. Além deste, outros elementos foram apontados pelos colaboradores como vantagens no setor informal em relação ao mercado formal: o fato de a renda auferida no setor informal ser mais alta do que aquela obtida exercendo a mesma função e se submetendo às regras da formalidade, como o cumprimento de horários, a existência de um patrão, entre outros. O fato de a informalidade não oferecer qualquer tipo de garantia legal para aqueles que nela estão inseridos faz com que eles tenham que utilizar a criatividade, sempre buscando aperfeiçoar-se para o desempenho de suas atividades profissionais. Portanto, essa situação de incerteza em relação ao futuro foi considerada como um elemento motivador para a busca de especialização constante, sobretudo no ramo de prestação de serviços. Neste, especialmente para quem está no ramo da informática, há necessidade de atualização constante para acompanhar as exigências e/ou demandas do mercado, como considerou o Colaborador 24.

Entretanto, o setor informal é composto tanto por pessoas que estão inseridas por “opção”, como também por aquelas que foram “obrigadas” a ingressar nesse tipo de atividade, para garantir a sobrevivência. Assim, considerando essa heterogeneidade, foram citadas, também, algumas desvantagens no exercício de atividades informais.

*A desvantagem que leva a gente a ficar inseguro. É um compromisso que a gente não pode fazer; é uma coisa muito insegura, eu não sei se amanhã a minha condição física, se eu vou conseguir tirar aquele tanto que eu fiz o compromisso. A gente fica com medo de fazer uma dívida. Às vezes a gente tem a necessidade de fazer a dívida, mas fica inseguro, porque a gente não tem certeza do que vai tirar. No mês que vem de repente acontece uma surpresa e a gente fica sem saber. (Colaboradora 35 – solteira, 22 anos – ensino médio incompleto).*

Pela fala da Colaboradora 35, fica clara a situação de risco que caracteriza as atividades informais. Ela destaca a insegurança como uma desvantagem e cita duas razões: a primeira é que, na condição de trabalhadora informal, ela não tem tanta facilidade para fazer qualquer tipo de financiamento<sup>8</sup> e/ou crediário, já que os estabelecimentos bancários e comerciais exigem comprovação de renda. As pessoas com contrato de trabalho formal não enfrentariam esse tipo de dificuldade. A segunda razão apontada por ela é em relação ao total do rendimento a ser auferido com o trabalho. Pode haver um mês em que ela tenha um rendimento que dê para arcar com compromissos e/ou despesas contraídas, mas em outro mês a situação pode ser diferente. É interessante observar pelo depoimento, em que pese a algumas vantagens contidas em outras falas, que a maior desvantagem do trabalho informal é não ter qualquer tipo de segurança, portanto, não poder contar com uma renda todo mês, por exemplo.

*A única vantagem de trabalhar é chegar ao final do mês e ter o seu dinheirinho. Informalmente pra mim é horrível, porque minha coluna é terrível Eu fico sentada fazendo unha, quando eu levanto, na verdade eu não levanto, eu fico encurvada, então eu sinto que quando eu estou fazendo unha eu estou só*

<sup>8</sup> Apenas alguns bancos, como o Banco de Nordeste, têm algumas modalidades de crédito exclusivas para as pessoas que estão inseridas no setor informal.

*agravando a minha coluna. Então tem coisas que você faz que mexem com o seu ego. Quando estou fazendo unha, por exemplo, eu penso que já estou com 57 anos e olha só o que eu posso fazer. Outras vezes você faz e não fica recompensada, puxa vida “eu poderia ter feito melhor”, mas a vista não deixou, a coluna não deixou. Na verdade, aí algumas pessoas vão e elogiam, enchem o seu ego, essa é uma recompensa, mas recompensa mesmo só o dinheirinho. Porque na verdade, a verdade é a seguinte, eu não gosto de trabalhar. Eu trabalho porque eu preciso, porque quando eu tinha, eu já tive uma condição financeira melhor; eu era só dona de casa, nunca fui madame, mas sempre fui dona de casa. Nunca achei tempo ocioso um problema, sempre fui ótima companhia pra mim mesma. A única vantagem que eu vejo em trabalhar é poder ganhar meu dinheiro, é só isso. (Colaboradora 16 – divorciada, 57 anos – ensino médio completo).*

A fala da Colaboradora 16 deixa transparecer toda a sua angústia, pois ela já teve um emprego no mercado formal, onde trabalhou por vários anos, e, depois, quando foi excluída, já com idade avançada, não conseguiu reingressar. Assim, o setor informal foi uma saída, já que não teve alternativa de trabalho para garantir a sobrevivência. Portanto, a fala dela se encaixa na tese defendida por Hirata e Humphrey (1989) de que “nos períodos de crise, um declínio do emprego formal seja acompanhado pelo crescimento do trabalho por conta própria e sem carteira assinada” (p.71). A fala da colaboradora permite-nos acreditar que, quando as mulheres saem do emprego formal, elas têm maior dificuldade de retorno.

Um desdobramento interessante das falas acima é que, ao considerarem a situação de incerteza e insegurança do setor informal, as pessoas chamam para si a responsabilidade com o resultado. Apesar de entenderem que a informalidade é caracterizada por vantagens como possibilidade de auferir renda maior, controle sobre o horário e o processo de trabalho, etc., ao mesmo tempo se colocam como subordinadas a elas mesmas, na medida em que o fato de trabalharem mais ou menos vai ter conseqüências que terão que ser assumidas. Ao contrário, as pessoas que estão inseridas no mercado formal são subordinadas a várias regras, mas não têm “responsabilidade” com o provimento do seu salário, pois suas funções são de produção, e a função de administração (salários) é exercida pelo patrão.

#### 3.4 O trabalho informal: o sentido da “escolha”

Observa-se pelas falas que não existe um consenso em relação ao ingresso no setor informal, o que confirma a característica de heterogeneidade apontada pela revisão da literatura. Na realidade, essas falas configuram duas situações de ingresso: em primeiro lugar, identificamos alguns que declararam terem sido forçados a ingressar nesse tipo de atividade, por falta de oportunidade de trabalho no setor formal. Dentre os fatores alegados para essa exclusão podemos destacar - a partir de algumas falas - o aumento do desemprego, a baixa escolaridade e a idade avançada. Portanto, falta de qualificação e de escolaridade limita a competitividade no mercado formal; conseqüentemente, empurra as pessoas para a informalidade. E se isso acontece até para quem é jovem, a situação fica mais grave para as pessoas que estão próximas da terceira idade.

*Na verdade, não foi uma opção, foi mais forçado. Como eu moro de aluguel,*

*a gente tinha que completar a renda lá em casa. Eu fiquei por muito tempo, coloquei muito currículo, mas discordo quando dizem que quando a gente está no meio não é mais fácil. Eu trabalhei oito anos de carteira assinada e nem por isso eu arrumei outro emprego. (Colaboradora 27 - casada, 21 anos – ensino médio completo).*

O depoimento da Colaboradora 27 mostra que o seu ingresso no setor informal foi em decorrência da sua exclusão do setor formal. Ela alega o fato de ter que contribuir com a renda familiar como a principal razão do seu ingresso na informalidade. A sua fala denota toda a insegurança que é característica da atividade informal, bem como a sua falta de qualificação profissional para competir em igualdade de condições com outras pessoas no mercado formal.

*Eu estou não por escolha, a vida inteira eu fui auxiliar de contabilidade, trabalhei regularmente em um escritório de contabilidade, mas há alguns meses que eu fiquei desempregada e permaneço desempregada porque tem uma coisa esquisita que está acontecendo hoje, os jovens não têm oportunidade porque não têm experiência, aos 40 você já é velha e aos 50? Porque eu estou com 57. Aí o meu problema é agregado ao fato de eu ter muita experiência e quando você tem experiência você precisa de uma faixa salarial melhor, a experiência e o excesso de idade. (Colaboradora 16 – divorciada, 57 anos – ensino médio completo).*

A fala da colaboradora mostra que tanto a idade avançada quanto a falta de qualificação são fatores que limitaram as chances de reingresso no mercado formal. Ela tem o curso técnico em contabilidade e exerceu a profissão por vários anos, mas não continuou o seu processo de qualificação. Quando perdeu seu emprego no mercado formal não conseguiu outro emprego. Um aspecto interessante que deve ser ressaltado é que a colaboradora traz consigo, junto com a falta de esperança, a consciência de que, além da falta de qualificação, o fator idade é limitador para algumas pessoas, tanto as mais velhas, como ela, que já tem 57 anos, “que tem muita experiência”, quanto os mais jovens, “que têm pouca experiência”. Ou seja, o mercado não absorve os jovens e tampouco absorve as pessoas mais velhas, fenômeno já observado na literatura sobre o tema. O ingresso no setor informal se configurou como uma estratégia de sobrevivência para a colaboradora, na medida em que ela declarou não ter tido alternativa para garantir o seu sustento básico senão ingressar no mercado informal.

*Eu acho que, na condição em que me encontro hoje, foi mesmo, como se diz, obrigação. Não é uma escolha, se tivesse como, se você pudesse conciliar esse serviço nosso com a carteira assinada, seria excelente pra nós. Você trabalhar em casa, fazer seu serviço com a carteira assinada seria pra nós o mundo perfeito, você está abrangendo tudo. Você está pegando família, pegando tudo. E não tem aquela problemática toda de sair de casa e deixar pra trás, chegar à noite. Igual a nós que temos marido, infelizmente, às vezes devido à criação, a mulher tem sempre que ser submissa ao marido. Se a humanidade exige e nós queremos dar, mesmo mandando, ( igual sou eu que mando), isso é realidade. Você pode estar trabalhando lá fora, a sua cabeça realmente está na sua casa. E se houver uma oportunidade, uma chance pra nós de conciliar serviço de casa, esse trabalho informal com a carteirinha assinada, seria perfeito. (Colaboradora 10 – casada, 57 anos, ensino médio completo).*

Estes depoimentos comprovam que o ingresso desses trabalhadores no exercício de atividades

informais não se deu em função de uma escolha, ao contrário, foi em função da sobrevivência. Essas pessoas perderam seus empregos no mercado formal e, como não encontraram outro emprego, foram obrigadas a entrar na informalidade, como forma de garantir o sustento para elas e suas famílias. Outro elemento importante é que o setor informal é de fácil acesso e não demanda maior especialização. Contudo, apesar de certa resignação com a atividade atual, percebe-se que essas pessoas acalentam o desejo de algum dia ser absorvidas por postos de trabalho do mercado formal.

A segunda configuração é justamente o inverso desta: são pessoas que, mesmo tendo a oportunidade de ingressar no trabalho formal, optaram por trabalhar no setor informal. Assim, a exclusão (perda do emprego formal) ou a auto-exclusão (saída voluntária) foram às motivações que impulsionaram esse grupo de pessoas a ingressar no setor informal. Os depoimentos sugerem que, de um modo geral, os trabalhadores têm uma visão positiva do trabalho exercido, pois não cogitam deixar essa atividade para ingressar em outra formalizada. Portanto, o que se percebe é uma forte valorização do trabalho informal como fator definidor de ingresso e/ou permanência nesse setor.

*Eu já fiz de tudo: já vendi, já fui pedreiro, mas o que eu gosto mesmo é de pintar. Eu acho que essa é a minha vocação. É o que eu gosto e é a minha vocação. Eu consegui o meu primeiro emprego sozinho, trabalhei numa firma sem ser fichado. Eu preferi trabalhar a estudar, por isso eu tenho a quarta série. Depois eu fiz cursos por correspondência, aqueles do Instituto Universal Brasileiro, mas também não deu certo porque os materiais eram muito caros, tive que largar também. Ai, eu arrumei um trabalho informal porque eu ganhava muito mais. O mercado informal dava mais lucro do que o mercado formal. Ai, eu fui tomando mais gosto pela pintura, mas eu optei pela pintura porque eu ganhava mais. (Colaborador 3 – 54 anos – ensino fundamental completo).*

No depoimento do Colaborador 3, nota-se que sua opção foi em função de sua falta de qualificação, já que ele não teve oportunidade de estudar, mas aprendeu a pintar e fez da pintura a sua escolha de trabalho. Ele se insere na motivação “estratégia de vida”, não por ter racionalmente optado pelo trabalho informal, abandonando o mercado formal, mas por ter tido sorte de escolher uma função dentro da construção civil que ainda é muito valorizada na cidade. Assim, embora ele declare que não teve qualificação profissional para competir no mercado formal, se considerarmos as suas condições - falta de estudo e idade avançada -, ele tem uma renda razoável em comparação com as faixas salariais encontradas na cidade.

*Bem, eu posso estar dividindo minha vida em etapas. Porque quando eu era mais novo eu tinha um sonho de trabalhar de carteira assinada, assim na fase dos 15, 16 anos, quando realmente eu tive a oportunidade de trabalhar no mercado de trabalho formal. Ai eu comecei a fazer assim como se fosse um contrapeso, medir as vantagens e as desvantagens. . No meu caso, assim, eu comecei a ver que ganharia mais trabalhando no mercado informal e felizmente eu sempre gostei. No meu caso específico, eu sempre tive a oportunidade de crescer muito rápido no serviço. Eu acredito assim e por isso eu passei a acreditar que o mercado informal acaba te dando mais oportunidades de estar crescendo dentro da empresa. Com 16 anos eu tive a oportunidade de ser gerente de um supermercado Meu patrão até chegou pra mim, eu lembro até hoje, falando assim, eu posso assinar a sua carteira, só que com carteira seu salário vai ser xis, se você trabalhar de forma assim, sem*

*nenhum contrato, você vai ganhar mais, vai trabalhar mais, lógico, né?! Mas só que você vai ter um rendimento maior, seu serviço também vai ser mais flexível. (Colaborador 24 – 29 anos – ensino superior completo).*

Dois fatores devem ser observados para analisar as visões positivas desses colaboradores sobre a escolha pelo ingresso no setor informal. Por um lado, a renda auferida no trabalho atual, já que ambos apontam que têm rendimentos superiores aos que receberiam no mercado formal; por outro lado, o desejo de autonomia profissional. A possibilidade de definir racionalmente o seu crescimento e/ou aperfeiçoamento profissional constitui fator impulsionador da escolha por esse tipo de trabalho.

Ao considerarmos elementos como independência financeira e autonomia, o exercício em decorrência de a pessoa ter sido excluída deste. Ao contrário, o ingresso foi motivado pelo desejo de autonomia profissional, tanto em termos da possibilidade de receber maiores rendimentos, quanto do desejo de crescer profissionalmente, porque essas pessoas vislumbram no setor informal, até por não haver outros tipos de garantia - que, certamente, estariam presentes no mercado formal -, um impulso para estar sempre “correndo atrás”.

Além desse conjunto de razões que motivaram a escolha pela informalidade, apontaram como motivos: a possibilidade de flexibilizar a jornada de trabalho, objetivando ter mais tempo para se dedicar ao estudo, por exemplo, e também a dificuldade de lidar com as regras da formalidade.

*Eu já tive oportunidade de trabalhar em vários lugares de carteira assinada, só que no meu caso é diferente do que eles falaram, porque eu já tive a oportunidade de ter um salário maior trabalhando de carteira assinada, só que eu não quis porque a jornada de trabalho era muito extensa e ia atrapalhar meus estudos. (Colaborador 22 – 22 anos – ensino superior completo).*

É interessante observar, a partir dos depoimentos dos Colaboradores 19 e 22, que a atividade que desenvolvem, na atualidade, não é a primeira experiência de trabalho, pois passaram por outros tipos de trabalho e deixaram “voluntariamente” esse trabalho para ingressar na informalidade. Eles estão nessas atividades por diversas razões, denotando assim certo espírito empreendedor, representado pela autonomia e liberdade que, em tese, são características inerentes ao setor informal. Para esses colaboradores, a possibilidade de autonomia, mesmo que fictícia, compensa a falta de algumas garantias que teriam no mercado formal. Assim, ao fazerem essa opção, fizeram valer os seus projetos individuais, pois a “autonomia decorrente da flexibilidade de que os agentes dispõem sobre o tipo e o tempo do trabalho que realizam permite que eles reelaborem suas experiências, tanto através de determinações recebidas, como em função daquilo que eles consideram desejo e vontade” (Vidal, 1996, p.117). O depoimento abaixo é bastante profícuo para corroborar essas afirmações.

*Bem, no meu caso eu tive a oportunidade também de trabalhar com carteira assinada, eu queria experiência, mas eu não gostei, não pelo salário, mas pela mesmice, você não tinha a oportunidade de ser criativo, fazer alguma coisa diferente, você não tinha essa oportunidade, e eu odeio regras. Então eu achei que trabalhando informalmente eu tinha alternativas, eu poderia fazer*

*alguma coisa, e exige mais de você, você tem mais vontade de correr atrás, de criar alguma coisa, um produto ou alguma coisa assim. Então, graças a Deus, eu escolhi essa área, porque se eu estivesse trabalhando na área em que eu tive oportunidade hoje eu não estaria aqui fazendo faculdade. Nessa experiência que eu tive, eu comecei a acomodar, então, depois que eu saí, eu falei, puxa vida, eu fiquei esse tempo todo aí hoje, não teria produzido nada. Então, eu sou informal por opção. (Colaborador 19  
– 24 anos – ensino médio completo).*

**Essas declarações sugerem que, para esses colaboradores, a busca de autonomia aparece como uma estratégia que visa responder ao aumento de rendimentos, à flexibilidade de horários e, conseqüentemente, à não subordinação a patrões, como fatores que motivaram o ingresso e permanência no setor informal. Entretanto, em seus depoimentos, não se percebem as inseguranças e angústias comumente presentes nas análises das atividades informais: o que levam em conta é, justamente, uma motivação para sair da rotina, da mesmice, para não se acomodar. Assim, o ingresso não é pautado pela subordinação à lógica do mercado (sobrevivência), mas se torna uma alternativa de vida.**

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A guisa de conclusão podemos considerar que o setor informal se caracteriza por uma heterogeneidade, que comporta pessoas que estão inseridas devido a exclusão do setor formal e pela incapacidade de ser reabsorvido no mesmo. Estas atividades contribuem para o aprofundamento da situação de pobreza que estes indivíduos se encontram, como também pessoas que exercem atividades informais movidas por outros aspectos, como flexibilidade de horários, ser o próprio “patrão”, possibilidade de auferir maiores rendimentos.

Enfim, constatamos pelo exame da literatura sobre a temática e pela análise dos dados empíricos que – pela heterogeneidade que marca o setor informal – este não pode ser um fator responsável pelo agravamento da pobreza, pois se uma parcela dos seus componentes – que pode até ser maioria – estão nele por estratégia de sobrevivência, pela exclusão dos postos de trabalho formal, existem também aqueles que poderiam estar no setor formal, mas que optaram por trabalharem na informalidade. Assim ao mesmo tempo em que o setor informal contribui para agravar a situação de pobreza, ele também pode se tornar uma alternativa eficiente de combate a mesma, na medida em que – como foi comprovado pelos dados empíricos – existem pessoas que recebem um rendimento maior no setor informal do que receberiam se estivessem no setor formal.



## 5. REFERÊNCIAS

CACCIAMALI, Maria Cristina. *Informalidade contemporânea na América Latina*. Rio de Janeiro. IPEA, 1999.

FERREIRA, Maria da Luz A. *Trabalho Informal e Cidadania: heterogeneidade social e relações de gênero*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (Sociologia e Política), da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007

FUENTES, Maritzel Rios. *Setor Informal e Reestruturação Produtiva*. Paraná-Curitiba: Secretaria de Estado de Emprego e Relações de Trabalho, 1998.

GASKEL, George. *Entrevistas individuais e grupais*. In BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual pratico*. Petrópolis, RJ, 2002.

HIRATA, Helena; HUMPHREY, John. **Trabalhadores desempregados: trajetórias de operárias e operários industriais no Brasil**. In Revista Brasileira de Ciências Sociais n.º 11. Vol. 4 out, 1989.

KLEIN, Emílio. **Emprego e Heterogeneidade do Setor Informal**. In Classes e Movimentos Sociais na América Latina. Sônia Laranjeira (org.) São Paulo: Hucitec, 1990.

MALAGUTI, Manoel Luiz. *Crítica à Razão Informal: A imaterialidade do trabalho*. São Paulo: Boitempo; Vitória: EDUFES, 2000.

MARTINS, Renato & DOMBROWSKI Osmir. *Mapa do Trabalho Informal na Cidade de São Paulo*. In: JAKOBSEN, Kjeld. *Et alli. Mapa do Trabalho Informal: perfil sócioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

MORGAN, David. L. *Focus Groups as Qualitative Research*. CA: Thousand Oaks, 1997. RIVERO,

Patrícia Silveira. *Escolhendo entre Fragmentos: qual trabalho seria melhor sendo eu...? Os processos de informalização do trabalho no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Pesquisas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Susana Maria Velede. **Trabajo Informal, gênero y cultura: el comercio callejero e informal en el sur do Brasil**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, 2003.

SIQUEIRA, Suely. *Os Contornos da Informalidade: o caso valadarense*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.

VASCONCELLOS, Eliane Julie G. *Trabalhadores Informais: o sentido de sua escolha de trabalho*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 1994. (mimeo.)

VIDAL, Léa Ewerton. **Trabalho Informal e Cidadania: representações sociais dos vendedores ambulantes de alimentação em Brasília**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia/ Universidade de Brasília. Brasília, 1996.